DOI: 10.5433/1981-8920.2024v29n3p109

O PRODUTIVISMO ACADÊMICO NO FAZER E NO SENTIR DOS DOCENTES DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19

ACADEMIC PRODUCTIVISM AND ITS EFFECTS IN THE PROFESSIONAL LIFE AND FEELINGS OF POSTGRADUATION TEACHERS IN INFORMATION SCIENCE UNDER THE IMPACT OF THE COVID-19 PANDEMIC

Luciana Ferreira da Costa[a]
Edilson Teixeira Barbosa Filho[b]

RESUMO
Objetivo: analisar o produtivismo acadêmico na atividade dos docentes dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação das regiões Sul e Sudeste do Brasil, sob o impacto da pandemia de COVID-19. **Metodologia**: a pesquisa é de cunho bibliográfico, documental e descritivo, sob abordagem qualitativa com aporte quantitativo. A coleta de dados se dá por meio da aplicação de questionário. **Resultados**: revelam, entre outras questões, que o produtivismo acadêmico interfere no desenvolvimento de outras atividades inerentes ao fazer docente, que não apenas a pesquisa, a sua produção e comunicação em periódicos científicos. Revelam, ainda, que a pandemia de COVID-19 impacta no excesso de trabalho, devido home office, trabalho remoto, tempo demasiado online, invasão do espaço-tempo. **Conclusões**: o produtivismo acadêmico interfere na saúde física e mental dos docentes, tendo o estado destes seriamente agravados pela pandemia de COVID-19.

Descritores: Produtivismo acadêmico. Intensificação do trabalho docente. Ciência da Informação. Brasil.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em relato objetivou analisar o produtivismo acadêmico em

[a] Doutora em História e Filosofia da Ciência pela Universidade de Évora (UE). Docente no Departamento de Ciência da Informação (DCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: lucianna.costa@yahoo.com.br.

[b] Mestrando em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: edilsonteixeira48@gmail.com.

termos de impactos e consequências na atividade de docentes vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação das regiões Sul e Sudeste do Brasil, na relação com o contexto da pandemia de COVID-19 no sentido da interferência nas atividades e na saúde física e mental, bem como as eestratégias para manter a saúde mental.

Considerando a crise sanitária global, a pandemia de COVID-19, acreditamos ser substancial para análise dos impactos e consequências do produtivismo acadêmico no trabalho docente, haja vista as exigências que a pandemia suscitou de uma hora para outra, tais como: a necessidade de distanciamento físico, o *home office*, o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) – plataformas como *Google Meet*, *Zoom*, *Teams* - como ferramentas para o ensino remoto e demais atividades online, que, junto as demais consequências, intensificou o trabalho docente em todas as suas vertentes (ensino, pesquisa, extensão e gestão) e no atendimento das demandas por produção em tempos de pandemia.

Nesse contexto, o produtivismo acadêmico e os agravantes ocasionados por esse fenômeno, naturalizado no meio acadêmico, vêm sendo discutido por estudiosos de diversas áreas do conhecimento como Andrade, Cassundé e Barbosa (2019), Costa (2021), Costa e Barbosa Filho (2021) e outros, visto ser uma problemática que intervém em todas as áreas do conhecimento. Dito isso, nesta pesquisa alinhamos, ao fenômeno do produtivismo acadêmico já discutido em diversos estudos, como os descritos, o cenário da Pandemia de COVID-19 face aos impactos desta doença físicos e emocionais que assolou o mundo.

Assim, a partir da constatação de que pesquisas inovadoras são desenvolvidas fundamentalmente no âmbito da pós-graduação, sendo os programas de pós-graduação (PPG) *loci* privilegiados de práticas científicas, produção de conhecimento e formação de alto nível (Velloso; Velho, 2001), é que, para trazer um cenário completo do fenômeno produtivismo acadêmico no contexto da pós-graduação em Ciência da Informação cotejamos os PPG das regiões Sul e Sudeste do Brasil[1]. Para tanto, a questão-problema da pesquisa foi

[1] Pesquisa anterior contemplou os programas em Ciência da Informação das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, daí este continnum centrar-se nestas duas regiões.

definida pela seguinte pergunta: como se configura o produtivismo acadêmico na atividade dos docentes dos PPG em Ciência da Informação das regiões Sul e Sudeste[2] do Brasil, sob o impacto da pandemia de COVID-19?

O produtivismo acadêmico é um fenômeno presente nas atividades dos docentes, sobretudo da pós-graduação em todo o país, independente do quantitativo de PPG por região, visto que estes existem em todas as regiões do país nas mais diversas áreas de conhecimento, os quais estão passíveis do cumprimento dos quesitos estabelecidos pela agência reguladora de avaliação e recomendação dos programas, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Tendo, portanto, essas considerações em apreço, a pesquisa em relato evidencia a temática do produtivismo acadêmico sob a visão dos mais afetados por este fenômeno, os docentes, e o impacto da pandemia de COVID-19, nesse contexto, desde o desencadeamento dos períodos de quarentena, medidas de distanciamento social/físico, o *Home Office* em suas trajetórias profissional e pessoal.

2 O PRODUTIVISMO ACADÊMICO A PARTIR DA MÁXIMA “PUBLISH OR PERISH”

O produtivismo acadêmico também é conhecido como performatividade acadêmica (Alcadipani, 2011), publicacionismo, e produtivite (Martins; Lucena, 2014). O termo se difundiu nos Estados Unidos da América (EUA) na década de 1950 por meio da famosa expressão “*Publish or perish*” (publicar ou perecer), mencionada em 1932 pela primeira vez. A expressão, que realça a publicação como produto final do trabalho intelectual (Alves, 2014), evidencia a necessidade de cumprimento de metas estabelecidas pelos órgãos de financiamento, pelas universidades e pelo mercado por parte de intelectuais, cientistas e acadêmicos (Costa, 2021; Costa; Barbosa Filho, 2021). Assim, a expressão *publish or perish*

[2] As regiões Sul e Sudeste do Brasil têm acentuada concentração de pós-graduação, sendo estas as regiões do país com a maior quantidade de cursos credenciados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (Silva; Gonçalves-Silva; Moreira, 2014).

alude à pressão para que intelectuais, cientistas e acadêmicos publiquem cada vez mais, onde o pensamento reflexivo e competente é possivelmente substituído pela exigência da produtividade sem critérios (Curty, 2010).

No Brasil, a adoção do produtivismo acadêmico se deu no final dos anos 1970 e, de forma legitimada nos anos 1990 (Godoi; Xavier, 2012). Mas o que é o produtivismo acadêmico? Trazemos à baila algumas definições na perspectiva de autores como Trein e Rodrigues (2011), Rego (2014), Camargo Junior (2014) e, por fim, a nossa concepção acerca do fenômeno.

Na perspectiva de Trein e Rodrigues (2011), o produtivismo acadêmico ocorre a partir de sua materialização em artigos, como “fetiche-conhecimento-mercadoria” que contribui para o “mal-estar” da academia brasileira.

Rego (2014) considera que o produtivismo acadêmico é encarado como a obrigação do pesquisador para publicar, quase que, exclusivamente, em periódicos a fim de ser avaliado, já que as publicações em periódicos científicos geram indicadores de avaliação da qualidade dos programas de pós-graduação, o reconhecimento do pesquisador por seus pares, apesar da possível relevância questionável das publicações.

Por sua vez, Camargo Junior (2014) destaca que esse fenômeno se caracteriza pela pressão exercida junto aos pesquisadores para publicar continuamente e cada vez mais. O mesmo autor adverte que essa “obrigação” por produzir pode alcançar níveis insustentáveis e insuportáveis, podendo impactar negativamente não só a qualidade das publicações, mas a vida e a saúde dos profissionais que estão sob a égide do produtivismo acadêmico.

Em nossa concepção, o produtivismo acadêmico se refere, na verdade, não apenas à pressão pela quantidade de publicação em periódicos científicos, mas engloba a produção científica como um todo por meio dos seus mais diversos canais de comunicação científica como a publicação de livros, capítulos de livros, trabalhos em eventos (sejam trabalhos completos ou resumos). Embora é fato que a publicação de artigos em periódicos científicos tem maior realce e alcance dado o formato eletrônico dos periódicos e a sua estratificação pelo reconhecido sistema de aferição da qualidade: o Qualis Periódicos. Para além disso, há o peso do quesito “produção intelectual” por parte da CAPES na

avaliação dos PPG, bem como de agências de fomento à pesquisa como o Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), dentre outras.

Inclusive, a CAPES enfrenta críticas quanto ao seu formato de avaliação, que passou por mudança em seus critérios a partir dos anos 1996-1997 (Mattos, 2008), contudo as mudanças foram relacionadas à intensificação dos critérios quantitativos como parâmetros para avaliação dos cursos de mestrado e doutorado em todas as áreas de conhecimento (Sguissardi, 2010), afetando especialmente as universidades públicas onde, no Brasil, encontra-se a maioria dos PPG. De acordo com Moreira (2009), o processo de conhecimento é transformado em mercadoria pela avaliação da CAPES, desse modo contribuindo para que o desempenho dos docentes seja medido pelo produto final. Como consequência desses processos de regulação, controle e gerenciamento, chamados de avaliação, temos o produtivismo acadêmico (Rosa, 2008; Sguissardi, 2010).

Até o momento, os artigos têm seu valor ou "qualidade" discernidos conforme o sistema Qualis de periódicos científicos. Assim, o modelo avaliativo é norteado pelo quantitativo das produções científicas, fazendo com que a colocação dos cursos seja determinada, praticamente, pelo número de publicações *qualisadas*[3]. Segundo Pimenta (2014), o grande problema em relação aos Documentos de Área em meio a grande quantidade de normas e requisitos para o credenciamento, é um sistema de avaliação totalmente normatizado operante dentro do modelo produtivista ao qual os docentes têm que se submeter (Pimenta, 2014). Salientamos que essas discussões não são contra a existência das agências de fomento, uma vez que a pesquisa no Brasil depende de financiamento público, mas sim contra a política de avaliação neoliberal ancorada no produtivismo (Pimenta, 2014). A finalidade da CAPES é inegável, conforme destacam diversos estudos, e que há conquistas inquestionáveis na existência de um processo de avaliação, como a

[3] É fato que apesar de acreditar-se que a classificação dos veículos de divulgação por meio do Qualis, para periódicos, ainda que incipiente, busca construir padrões mínimos de qualidade, permite em alguma medida enfrentar o surto produtivista (Kuenzer; Moraes, 2005).

regulamentação de aspectos ou quesitos pertinentes em relação à pesquisa, definição de duração máxima dos cursos de pós-graduação, aprimoramento das orientações, entre outros (Bianchetti; Valle, 2014; Vosgerau; Orlando; Meyer, 2017).

Apesar das críticas ao fenômeno do produtivismo acadêmico, existem argumentos favoráveis ao mesmo e ao modelo de avaliação da CAPES, entre eles o de Machado (2007), segundo o qual a agência vem trabalhando por uma pujante cultura de pesquisas e de publicações, algo que o autor considera justificado pela necessidade de "[...] que os trabalhos dos pesquisadores apareçam no espaço público" (Machado, 2007, p. 140). Ainda na perspectiva de Machado , as exigências quanto à publicação por parte dos pesquisadores estão em compasso com a lógica básica do movimento da ciência, precisando ser compreendida, aceita e praticada, dado que os investimentos de recursos públicos não devem ser desperdiçados e que os resultados das pesquisas retornem como benefícios para sociedade.

Sobre isso, Patrus, Dantas e Shigaki (2015) refletem que os argumentos favoráveis às cobranças por publicação defendem o princípio de tornar público o resultado das pesquisas, sobretudo as realizadas com recursos públicos e a elevação da pesquisa brasileira ao patamar internacional. Dito isso, os autores advertem que a ausência de um modelo de avaliação provocaria maior prejuízo que eventuais efeitos colaterais produzidos pelo sistema. O produtivismo acadêmico é visto, nessa perspectiva, como um desses efeitos.

Pelo exposto, percebemos a preocupação para que a pesquisa no Brasil se aproxime dos padrões internacionais de excelência acadêmica como uma das justificativas para a defesa das exigências do modelo quantitativo de avaliação. Em relação à internacionalização, um dos quesitos de avaliação dos PPG, Hostins (2006, p. 151) aponta que "[...] para impulsionar a internacionalização é necessário induzir os programas à competitividade, à inovação e ao empreendedorismo, tal como funciona a lógica do setor corporativo empresarial.". Todavia, no prefácio da obra de Sguissardi e Silva Júnior (2009, p. 12), pondera-se ser necessário considerar que o Brasil "[...] é um país 'tardio', capitalismo tardio, independência tardia, abolição [da escravidão] tardia,

industrialização tardia e... universidade tardia".

Convém pensarmos que as consequências da proposta de avaliação da CAPES não passam despercebidas para os docentes e os PPG, tanto que Kuenzer e Moraes (2005, p. 1350) advertem que é necessário "[...] avaliar a avaliação [...]", de modo a buscar novos formatos que avancem para além dos resultados conseguidos e superem os limites do modelo em curso.

Destarte, sublinhamos que o produtivismo não deve ser visto como único responsável por todas as "mazelas" do modelo de avaliação com ênfase na produção científica, pois, conforme Kuhlmann Junior (2015), tomar o produtivismo como único determinante dos impactos negativos, inclusive na saúde dos docentes, é simplificar o modo de avaliação das condições de trabalho, enevoando questões como os baixos salários, as más condições de trabalho em sala de aula, entre outros diversos fatores, que não podem ser ignorados, mas sim discutidos e, talvez, ensejar movimentos de resistência.

2.1 AS CONSEQUÊNCIAS DO PRODUTIVISMO ACADÊMICO

Apesar de o termo produtivismo acadêmico datar da década de 1950, a temática vem se mostrando uma das frentes de pesquisa contemporâneas, investigadas e discutidas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Em termos cronológicos, os estudos sobre essa temática são relativamente recentes, com maior concentração de publicações a partir do ano de 2010 (Patrus; Dantas; Shigaki, 2015), devido à recorrência dos efeitos negativos atrelados a esse fenômeno que assolam a produção científica acadêmica na pós-graduação (Sguissardi; Silva Júnior, 2009; Andrade; Cassundé; Barbosa, 2019; Costa; Barbosa Filho, 2021).

De acordo com Trein e Rodrigues (2011), a corrida para produzir cada vez mais pode refletir em uma competitividade entre pesquisadores que precisam demonstrar sua "capacidade técnica" de produção através do volume de sua produção anterior e previsão dos produtos resultantes da investigação. As autoras alertam para a forma *quase*-industrial que os métodos de organização do trabalho científico estão seguindo.

Uma das práticas que merece destaque, enquanto consequência, a qual

o produtivismo acadêmico tem favorecido, é a chamada *Salame Science* (ciência-salame). Segundo Castiel e Sanz-Valero (2007), essa prática consiste em fatiar uma pesquisa e/ou seus resultados em unidades publicáveis menores em vários artigos que serão distribuídos em diferentes revistas. Outra prática identificada é o reenvio em cascata para revistas menos conceituadas quando o artigo não é aceito, inicialmente, por revistas de maior impacto e mais conceituadas, resultando em rodízios de submissão de pesquisas sem talvez apresentarem a necessária evolução da qualidade (Cruz *et al.*, 2011; Martins; Lucena, 2014).

Em seu artigo sobre a ética no trabalho acadêmico, Vizeu, Macadar e Graeml (2016), afirmam que a pressão imposta pela demanda quantitativa de produção afeta um professor-pesquisador tanto quanto uma pessoa de negócios, corroborando com a proposição de Sguissardi e Silva Júnior (2009) sobre mercantilização da universidade pública. O que se instala, então, pode ser uma cultura de individualismo, competição e rivalidade, própria da globalização do trabalho, na qual a sensação de pertencimento, a junção de esforços e o trabalho em conjunto em prol de um objetivo comum dão vez a soma de desempenhos individuais (Santos, 2010; Borsoi, 2012; Patrus; Dantas; Shigaki, 2015).

Autores apontam para perda do componente criativo, a liberdade, antes presente na prática do trabalho docente, agora preso em uma “gaiola de cristal”[4] pelo critério de avaliação do modelo produtivista, onde a autonomia acadêmica e docente passaram a ser limitadas e reguladas por agências de fomento e avaliação (Santiago; Carvalho. 2008, 2011; Santiago; Carvalho; Ferreira, 2015; Andrade; Cassundé; Barbosa, 2019). Em vista disso, a universidade vai, aos poucos e de maneira sutil, transformando seu papel social da liberdade de produção, autonomia e formação crítica do cidadão, à gaiola de cristal.

Ainda sobre as consequências decorrentes do produtivismo, é imprescindível falarmos sobre algo já abordado por pesquisadores como Bianchetti e Machado (2009): a intensificação do trabalho docente. O docente que atua nas instituições de ensino superior acumula funções além da docência,

[4] Termo cunhado por Santiago e Ferreira (2012).

o que resulta em uma intensa rotina de atividades precípuas de toda universidade: ensino, pesquisa e extensão (Bosi, 2007), ao que acrescentamos a atividade de gestão (no âmbito do Colegiado Departamental, do PPG ou à frente de alguma unidade administrativa vinculada à instituição em que atuam). Além das citadas anteriormente, os docentes por vezes chegam a exercer outras atividades fora do expediente, onde as tecnologias da informação e comunicação invadem o espaço-tempo desses profissionais, cerceando o tempo livre, sobrecarregando-os (Borsoi, 2012; Leite, 2017; Yamamoto *et al*., 2012). Somado a esse acúmulo de funções, a demanda por produção por parte dos docentes com os parâmetros quantitativos de avaliação estabelecidos pelas agências de fomento, resultam em consequências físicas e psicoemocionais que afligem o trabalhador-pesquisador, a ponto de vulnerabilizar a saúde desses profissionais (Borsoi, 2012; Leite, 2017; Pimenta, 2014; Ribeiro; Leda; Silva, 2015). A partir desse quadro reflexivo sobre o fenômeno do produtivismo acadêmico, podemos pensar que estas e outras consequências podem intervir na atuação e na saúde dos docentes submetidos a esse modelo mercantil de produção do conhecimento, chegando ao ponto de que os profissionais expostos a tais condições sejam acometidos pela insatisfação com a profissão, pela falta de motivação e pelo mal-estar que pode levar, entre outras patologias, à síndrome de *Burnot*, que se caracteriza pela exaustão prolongada e a diminuição do interesse em trabalhar, e até mesmo ao abandono da carreira (Pimenta, 2014).

Em 2011, Paulo Douglas Barsotti (2011) questionava se a “cegueira” causada pelo produtivismo acadêmico teria um fim. Passados dez anos, podemos afirmar, com base na literatura científica sobre a temática, que a resposta para a questão do autor ainda se mostra negativa. Percebemos, então, que a discussão sobre esse fenômeno ainda se mantém atual, sendo acrescentadas cada vez mais consequências causadas pela lógica produtivista, lógica essa que vem se adaptando aos novos paradigmas que surgem, como a pandemia COVID-19, mantendo-se operante com os desafios tradicionais e os novos.

3 O TRABALHO DOCENTE E SUA INTENSIFICAÇÃO SOB O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19

A pandemia de COVID-19 (SARS-CoV-2), também conhecida como pandemia de Coronavírus foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, em meados de dezembro de 2019.

No Brasil, a pandemia de COVID-19 teve início em 26 de fevereiro de 2020 e, não diferente dos impactos causados em outros países, afetou a economia e evidenciou, cada vez mais, a desigualdade social no país. Outrossim, estudos na área de saúde mental apontaram para um expressivo aumento de sofrimentos psicológicos decorrente do medo dessa ameaça invisível. Para além desse sentimento, as mudanças e as incertezas em relação ao controle da situação geraram ou agravaram quadros de ansiedade e alterações de humor. Nardi e Bernik (2020) conduziram um estudo sobre o impacto da COVID-19 na saúde mental da população, em que concluíram, diante da rápida e abrupta mudança radical na rotina de milhões de pessoas, que houve uma gradação dos sintomas de ansiedade e depressão.

No âmbito da prevenção em saúde, medidas para conter o contágio tiveram que ser tomadas por governos federal, estadual e municipal, como o distanciamento social ou físico, a quarentena e o isolamento (CDC, 2020; ECDC, 2020). É fato que as medidas adotadas ao longo da pandemia foram essenciais para prevenir e atenuar uma crise no sistema de saúde, todavia, tais medidas implicaram em uma mudança radical e imposição de uma nova rotina tanto em casa quanto no trabalho. Considerando a adoção do isolamento social, é importante salientar que o confinamento por tempo indeterminado e a solidão enfrentada por aqueles que vivem sozinhos é um fator de risco para depressão, que pode levar a suicídio e abuso de álcool (Nardi; Berbik, 2020). A emergência do cuidado em saúde mental frente ao surto viral é um tema necessário que vem sendo abordado em publicações científicas especificamente observadas na saúde mental da população dentro do processo de crise, a exemplo do estudo de Faro *et al.* (2020), mas, também pós-crise.

No contexto laboral, o isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19 modificou sobremaneira a rotina, as dinâmicas e relações de trabalho. Dentre os setores prejudicados pela pandemia, destacamos o setor acadêmico e o trabalho realizado por professores, desde o ensino básico ao ensino superior, sendo este último o foco da pesquisa em relato. No caso dos professores de instituições de ensino superior, destacamos a pressão por produção caracterizada pela lógica produtivista que aparenta invadir cada vez mais o espaço e tempo desses profissionais, uma vez que as medidas de isolamento social conferiram ao ambiente doméstico um lugar para execução do trabalho que antes já acontecia, mas em equilíbrio com o espaço das universidades.

Diante desse cenário, questionamos: como esse período está afetando as atividades exercidas pelos docentes da pós-graduação no Brasil desde a instalação da pandemia em 2020? quais os desafios e consequências a partir da ótica da lógica produtivista? Em relação à literatura acadêmico-científica sobre a pandemia e o produtivismo acadêmico, apesar de recente, a pandemia COVID-19 e suas consequências já vem sendo pautadas por autores que se debruçam sobre a intensificação do trabalho docente em tempos de isolamento social e trabalho remoto no âmbito da pós-graduação.

Cabe-nos refletir sobre questões que se relacionam diretamente com as novas dinâmicas de trabalho impostas pelo contexto da pandemia, mais especificamente no que diz respeito as medidas de distanciamento social e isolamento. Neste sentido, nos baseamos na reflexão sobre o caráter imaterial do trabalho docente atestado por Borsoi (2012). Para a autora, o trabalho docente tem natureza tal que permite que ele seja realizado, em parte, fora do ambiente institucional; extrapolando assim os limites específicos da jornada regimental contratada, não possibilitando a visibilidade clara de seu produto. Essas características contribuem para que o docente não se perceba como um trabalhador "típico" ou passasse a se ver como um "não trabalhador". Ademais, a autora afirma que essas percepções começaram a se modificar quando as instituições públicas passaram a adotar princípios e critérios de gestão do trabalho que se assemelham aos do modo de organização do setor privado, como a política produtivista, o estímulo à competição e a exigência crescente de

maior qualificação profissional. Aspectos esses que foram, inclusive, atestados e aqui apresentados por outros autores como sendo consequências negativas da adoção da lógica produtivista.

O caráter imaterial aferido à atividade docente por excelência faz com que a lógica produtivista impacte de modo avassalador tanto a qualidade da produção científica, quanto a saúde e o modo de viver dos docentes. É nesta dimensão imaterial na qual o trabalho docente é realizado que as fronteiras onde o início e o termino das atividades e da jornada de trabalho em si se tornam cada vez menos predefinidas e claras. Assim, a imaterialidade e a complexidade da atividade docente tornam-se o universo de estudo analisado a partir da ótica da virtualização inerente ao paradigma da sociedade da informação (Coutinho; Lisbôa, 2011) e a dicotomização das relações acadêmicas em meio a adaptação exigida de uma dinâmica de ensino e pesquisa em meio a um contexto pandêmico.

Todavia, essa discussão não é algo inédito. Em sua obra *O que é virtual?*, Pierre Lévy (1996) já apontava que o maior impacto das [então] novas tecnologias de comunicação e informação (NTICs) dá-se na dimensão cognitiva humana. Para o filósofo e sociólogo, a virtualização do conhecimento proporciona grandes alterações nos processos de aprendizagem advindas da desterritorialização que possibilita a interação virtual entre indivíduos que não precisam estar localizados no mesmo lugar. Neste sentido, Ferigato, Silva e Gozzi (2017) apontam as transformações e a instauração de novos mecanismos de ensino-aprendizagem e as mudanças causadas pelos mesmos nos processos de produção e disseminação do conhecimento. É quase que imprescindível, então, não relacionar essas discussões com os desdobramentos e adaptações exigidas dos professores pesquisadores no contexto pandêmico.

No ensaio intitulado *A universidade e a atividade docente: desafios em uma experiência pandêmica*, Helena Ferigato, Ricardo Teixeira e Maria Fragelli (2020), buscaram desvelar processos instituídos e instituintes da atividade docente e da vida acadêmica tendo a experiência com a COVID-19 como um analisador de seu funcionamento. No referido artigo, as autoras lançam mão de uma análise focada em três relações inerentes ao trabalho docente: relação 1)

com os estudantes; 2) relação com a produção de conhecimento; e 3) relação com a sociedade em geral[5]. De acordo com os autores, "[...] a cibercultura trouxe consigo o desenvolvimento dos meios tecnológicos enquanto suportes do conhecimento, transformando profundamente as formas de se fazer pesquisa." (Ferigato; Teixeira; Fragelli, 2020, p. 7).

Frente a conjuntura de emergência pandêmica, as TIC se constituíram como ferramentas para manutenção da relação de ensino-aprendizagem em tempos de isolamento social. Atendendo às recomendações da Organização Mundial da Saúde de isolamento social, foi adotado, por meio das portarias nº 343 e 345 do Ministério da Educação, o Ensino Remoto Emergencial (ERE)[6] no Brasil, permitindo que disciplinas que antes eram ministradas presencialmente, passassem a ser realizadas de maneira virtual por meio de plataformas digitais (Brasil, 2020a; 2020b). Apesar de nossa discussão não ser a respeito do impacto causado pela adoção da metodologia do ensino remoto no processo de ensino aprendizagem no âmbito da educação superior, perpassarmos por essa problemática, uma vez que se debateu mais e mais no momento pandêmico. Nessa acepção, Pálu, Schütz e Mayer (2020) tomaram como objeto de estudo a alteração das atividades escolares e estratégias adotadas pelos docentes e instituições no contexto pandêmico, expondo o uso de ferramentas virtuais, como o *classroom*, e redes sociais e aplicativos de comunicação, como o *WhatsApp*, destacando que "[...] os docentes também são seres humanos e tem que lidar com a pressão de adaptar-se a ferramentas virtuais [...]" (Pálu; Schütz; Mayer, 2020, p. 48) e, para além disso, têm que lidar com o contexto familiar visto o trabalho *Home Office*.

[5] Dentro dessa análise, são considerados também outros três processos transversais a essas relações: 1) a virtualização da vida cotidiana; 2) a polarização político-social; e 3) os movimentos de resistência e criação emergentes no mundo universitário em tempos de pandemia.

[6] Para fins de distinção de nomenclatura, esclarecemos aqui que o ensino remoto e suas especificidades assumido no contexto da pandemia não se caracteriza como ensino híbrido, nem como o Ensino à Distância (EaD) propriamente dito, pois, essa modalidade pressupõe um tipo de contrato e estrutura (Bernardo; Maia; Bridi, 2020). O ERE, por sua vez, é compreendido como uma forma de ensino que presume o distanciamento geográfico de professores e alunos, sendo essa adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais ao redor do mundo com fins da ininterrupção das atividades escolares (Behar, 2020).

Considerando os aspectos políticos inerentes às adoções das medidas de *Home Office* e ensino remoto, Duarte e Duarte (2020) alertaram para a necessidade da tomada de consciência do ensino superior público brasileiro quanto a tentativa de adaptação às exigências da lógica produtivista, que instaura, nas palavras dos próprios autores, uma cultura universitária competitiva e aderente à lógica do mercado. A condução das práticas universitárias pela sociedade neoliberal se acentua de maneira drástica por meio da pressão causada pela adoção do ensino remoto emergencial, comumente referido como ensino remoto pelas universidades. Para os autores, a tendência do que parece ser um projeto de longo prazo que resultará em uma acentuação do caráter pragmático e superficial da relação pedagógica entre professores, alunos e os conhecimentos, em uma atividade de ensino na qual as energias mentais dos professores e alunos se voltam mais para as ferramentas tecnológicas do que para os objetivos propriamente educativos.

É impossível não falar sobre produtivismo acadêmico no contexto pandêmico sem considerar a esfera política que cabe a essa discussão. Destarte, Moura e Cruz (2020) questionaram, a partir do movimento *fast science* oriundo do produtivismo acadêmico, o modelo cientométrico que adere de forma inconsciente o *slogan* do atual governo de que o Brasil e a educação ‘não podem parar’. É fato que o ensino superior não parou, e em vias contraditórias ao que vem sendo dito, vem assumindo inúmeras demandas que se somam as demandas cotidianas advindas do período de isolamento e aumentam cada vez mais a já intensa carga de trabalho e produção a qual os docentes atendem.

Corroborando com as reflexões de Borsoi (2012), acerca do caráter imaterial da atividade docente, se antes as atividades como orientação, pesquisa e elaboração de aulas já ocupavam um espaço-tempo para além das fronteiras físicas das universidades, agora, além de palestras, seminários e eventos *online*, os docentes também precisam dar conta das aulas que ocorrem na “nova” dinâmica do ensino remoto; que exigem além do preparo e da ministração das aulas em si, a afinidade com os recursos e ferramentas e espaços virtuais utilizados para realização das aulas, além de toda uma infraestrutura tecnológica (desde dispositivos como computador, *notebook*, *tablet*, *smartphone*, até

microfones e capacidade de *Internet*).

4 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Em termos metodológicos, a pesquisa em relato foi de natureza bibliográfica, documental e descritiva, ancorada em abordagem qualitativa com aporte quantitativo.

A pesquisa em relato, enquanto um *continnum* de pesquisa que já abordou o fenômeno com recorte nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste (Costa, 2021; Costa; Barbosa Filho, 2021) agora foi ambientada em 10 PPG em Ciência da Informação, a saber: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCIN/UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UEL); Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGCI/UFSC); Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de São Paulo (PPGCI/USP); Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos (PPGCI/UFSCar); Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (PPGCI/UNESP); Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (PPGCI/UFRJ/IBICT); Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (PPGCI/UFF); Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCI/UFMG); Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGCI/UFES).

Formaram os sujeitos da pesquisa os docentes do núcleo permanente dos PPG supracitados, cotejando o universo de 168 docentes (100%), com dados obtidos por meio de acesso aos *sites* dos PPG.

Ao grupo de docentes foi aplicado, como instrumento de coleta de dados, um questionário elaborado por meio do *Google forms*, composto por 13

questões[7] abertas e fechadas com a finalidade de obter dados para analisarmos o produtivismo acadêmico na atividade dos docentes sob o impacto da pandemia, no que diz respeito à doença, às medidas de isolamento, à adoção de ensino remoto e *Home Office* em suas atividades e em seus aspectos físico e mental. O questionário foi encaminhado aos docentes no mês de março de 2021, sendo reenviado nos meses seguintes. Assim, o período de coleta de coleta de dados se deu entre março e maio de 2021. Obtivemos, após este arco temporal dedicado à coleta de dados, um total de 68 questionários respondidos pelos docentes, o equivalente a 40% do total de docentes, ao que consideramos válidos tendo em vista os resultados consistentes, acerca do fenômeno investigado, obtidos e discutidos na seção seguinte, além da pesquisa estar centrada na abordagem qualitativa, apesar do aporte quantitativo, já indicado[8]. De todo modo, assinalamos, ainda, que a validação e representatividade dos dados está apoiada nas respostas de docentes diretamente atravessados pelo produtivismo acadêmico em suas práticas científicas, de forma qualitativa. De modo a garantir a confidencialidade e o anonimato dos respondentes, estes foram identificados na análise pela letra “D” seguida de numeração atribuída ao questionário correspondente (D1, D2, ... D 68).

A organização dos dados se deu em planilhas e o tratamento por estatística básica. Como método de análise, empregamos a Análise de conteúdo (Bardin, 1977), por meio de análise categorial. Este método de análise consiste em operações de desmembramento do texto em categorias agrupadas analogicamente com objetivo de descobrir os núcleos de sentido que compõe uma comunicação. A opção por este método se deu pelo fato de que se constituiu adequado para estudar opiniões, crenças e valores por meio de dados qualitativos. Assim, o modelo de análise foi construído com base nas perguntas norteadoras constantes do questionário, as quais foram agrupadas em quatro categorias principais, definidas de acordo com o objetivo geral e objetivos

[7] Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1IGXu3qN8mHriJ8_OUC8tt5ltlrIPpNbly2066b_05RQ/prefill. O tempo de preenchimento do questionário era em torno de nove minutos.

[8] A taxa de adesão ao instrumento de coleta de dados, pode estar relacionada ao volume de trabalho dos docentes que constituíram os sujeitos da pesquisa, bem como aos prazos de diversas demandas a cumprir.

específicos da pesquisa e o aporte teórico acerca do produtivismo acadêmico e a relação com o contexto vivenciado da pandemia de COVID-19: a) Impactos e consequências da lógica produtivista; b) Acometimento pela COVID-19 e impacto da doença nas atividades e na saúde física e mental; e c) Estratégias para manter a saúde mental.

Por último, sublinhamos que a pesquisa foi submetida à análise do Comitê de Ética em Pesquisa por meio da Plataforma Brasil para garantir que a pesquisa estava de acordo com as regulamentações exigidas pelo referido comitê, conforme Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 45466421.0.0000.5176, tendo sua aprovação conferida por meio do parecer nº 4.844.023 de 2021.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Buscando evidenciar como se configura o produtivismo acadêmico nas atividades dos docentes que circundam a pós-graduação em Ciência da Informação, nesta seção dos resultados e análises apresentamos, inicialmente, os impactos e consequências do produtivismo acadêmico sob o olhar do grupo diretamente atravessado pela lógica produtivista. Em seguida, considerando o alinhamento à pandemia de COVID-19, abordamos como a doença interferiu nas atividades e na saúde física e mental dos docentes para depois evidenciarmos possíveis estratégias para a manutenção da saúde mental envidadas pelo grupo investigado. Os achados e as evidências foram consubstanciados pela literatura científica que aportou a pesquisa.

5.1 Impactos e Consequências do Produtivismo Acadêmico

Quanto aos impactos e consequências do produtivismo acadêmico, o grupo investigado elencou questões como a formação de futuros pesquisadores e as atividades mais afetadas pela anomalia produtivista. Houve menção, também, as demais atividades relacionadas à gestão, ou seja, assunção de cargos administrativos que coadunam com a preparação e dedicação às aulas da graduação e da pós-graduação e demais atividades como reuniões,

participação em bancas examinadoras de trabalhos de conclusão de curso (graduação, mestrado e doutorado), reuniões, e eventos, atividades essas que ocorreram de forma remota.

No que concerne ao impacto da lógica produtivista, os docentes apontaram que a qualidade da pesquisa é prejudicada pela falta de tempo de maturação necessária e a pressão por publicações a curto prazo, conforme podemos verificar nos relatos em destaque.

> [...] a ênfase nos critérios que priorizam a quantificação da produção acaba por pressionar o professor e, por consequência, seus orientandos **a publicar trabalhos que em determinadas situações ainda precisam de uma maior maturidade. E isso influenciará na qualidade desses trabalhos.** (D. 40)

> Essa vertente traz impactos negativos em meu fazer. **Gostaria de poder publicar ou orientar alunos, somente após ter estudado e refletivo com calma a respeito do tema em questão.** (D. 60)

> Sim [impacta]. Sem dúvida. Se quantidade se sobrepõe à qualidade, obviamente a chance de produzirmos muito mais quantidade com muito menos qualidade é grande. Sem dúvida, **a representatividade das pesquisas sofre interferência dessa dinâmica.** (D. 22)

> Sim [impacta] e muito. **Não posso esperar um estudo chegar ao fim de maneira natural. Preciso dividi-lo em resultados que não são de fato resultados.** Outra moeda é ter que avaliar um monte de trabalhos na mesma situação. (D. 12)

As respostas supracitadas dialogam e reforçam discussões já apresentadas em estudos anteriores de Costa (2021) e Costa e Barbosa Filho (2021), como o impacto na qualidade das pesquisas em decorrência da falta de tempo de amadurecimento e do trato teórico, bem como a divulgação de resultados fatiados para atingir um maior número de publicações em revistas e periódicos científicos, confirmando a *Salame Science*.

Não obstante, outras atividades também sofrem o impacto do produtivismo acadêmico, sendo esse percebido pelos docentes como interveniente nas outras atividades no âmbito da graduação e pós-graduação:

> A necessidade da produção sob a lógica produtivista, a meu ver **enfraquece a qualidade não só dos trabalhos publicados,**

> **mas, também, das demais atividades desempenhadas pelos docentes na graduação e na pós-graduação**. (D. 54)

> **Impacta na qualidade de todas as atividades**, visto que, se tenho que publicar mais, terei menos tempo para dedicar-me ao planejamento das aulas, por exemplo. A questão é que diante do excesso de atividades, algum prejuízo haverá por conta do tempo necessário para dedicar-se a cada uma das atividades. (D. 9)

Comumente associado apenas à pressão por publicação cientifica, a definição de produtivismo acadêmico nesta pesquisa em relato buscou ir mais além. Sendo assim, é imprescindível reconhecer que, além de mudar o *modus operante* de realizar pesquisa, o produtivismo também se caracteriza pelo acúmulo de funções por parte dos docentes (Borsoi, 2007; Curty, 2010). Nesse sentido, as respostas supracitadas condizem com esse aspecto da lógica produtivista, as atividades como planejamento, ministração de aulas, participação em bancas, eventos, etc. têm sua qualidade prejudicada, como referem os relatos em destaque:

> [...] a aula deve ser uma extensão da pesquisa e do desenvolvimento intelectual sobre a matéria estudada. A produção de artigo sobre qualquer tema e de qualquer qualidade se torna um objetivo para atender um objetivo de curto prazo. **A boa aula ministrada, a orientação desenvolvida, a produção de intelectual aprofundada e a participação ou coordenação de eventos ou parecer realizado ou banca realizada tem um peso secundário.** (D. 44)

> Impacta bastante, principalmente na avaliação de artigos científicos, pois **tenho recusado vários convites para avaliadora, tendo em vista a sobrecarga de atividades na pós-graduação**. (D. 56)

> A pressão e a escassez de tempo nos levam a priorizar a publicação e em algumas ocasiões **sacrificar outras atividades importantes, em especial, o ensino na graduação e a extensão**. (D. 21)

É importante reforçar que o trabalho do docente vai muito além da sala de aula, visto que os docentes, e mais ainda os que atuam em PPG, exercem as seguintes atividades: participam como membro do corpo editorial de periódicos científicos, lideram grupo de pesquisa, alguns atuam em mais de um grupo de

pesquisa, orientam na graduação e na pós-graduação, coordenam projetos de iniciação científica, e atuam na gestão. Inclusive, os cargos administrativos assumidos por alguns docentes, sofre com o impacto do produtivismo, chegando também a colaborar com o acúmulo de funções e tarefas, o que se confirma na seguinte resposta de um dos docentes:

> Com certeza impacta. Isso porque **essa lógica produtivista nos obriga a ter uma quantidade de produção cada vez maior e que atualmente tem sido inviabilizada principalmente pela grande carga de atividades que temos assumido no contexto do PPG**, assim como das graduações e demais cargos (administrativos, por exemplo) que também temos que assumir em nosso contexto de atuação. (D. 40)

De acordo com autores como De Meis *et* al. (2003), Leite (2017) e Teixeira (2019), a adoção de cargos administrativos por parte dos docentes é resultado da Reforma Universitária que culmina na intensificação do trabalho docente, marcada por um ambiente competitivo e com forte pressão pelo desempenho quantitativo e o cumprimento de metas, favorecendo a redução do número de funcionários administrativos, com repasse de tarefas por eles exercidas aos docentes. Sobre isso, Alcadipani (2011) acredita que não assumir cargos administrativos apenas com o intuito de ter poder é uma das recusas à submissão a lógica produtivista, afirmando que "[...] assumir cargos para privilegiar os já privilegiados e manter as práticas que existem é um desserviço à nossa comunidade acadêmica." (Alcadipani, 2011b, p. 1177).

Assim como atestado por Pimenta (2014), a métrica quantitativa resulta em uma corrida por publicações, fazendo com que a relação entre os docentes seja competitiva e ansiosa, além da necessidade de acumular pontos no "*ranking*" produtivista, já que não só a distribuição de recursos, como bolsas, mas também a manutenção do vínculo dos docentes junto a pós-graduação depende dos pontos somados durante o período de avaliação do PPG pela CAPES. Em sequência, apresentamos algumas das respostas que expressam essa realidade.

> **Se não for atingida a cota o teu vínculo com a pós fica comprometido**, sem vínculo se rompe a possibilidade de ministrar aulas e de orientar. A pressão por atingir a cota obriga a buscar temas de moda que possam atrair interesse das publicações. Temáticas sem atratividade, mas de importância

> acabam sendo secundarizadas. Assim, se atinge a cota para depois pesquisar ou produzir sobre temas que tenha interesse. (D. 4)

> Impacta em tudo. **Não estar sempre a frente e em uma posição de produtivismo impacta no processo de seleção de bolsas**, sejam quais forem; no processo de relacionamento com redes de pesquisa nacionais e estrangeiras; **o que mais impacta é no financiamento das pesquisas, simplesmente o financiamento acaba indo para aqueles que já tem financiamento e tem condições de investir na produção dos docentes**, ao contrário de universidades ou cursos que não tem nenhum incentivo e tem que se equiparar aos que tem e mesmo assim não conseguem e nem conseguirão as métricas para financiamentos. (D. 55)

Em meio às atividades elencadas pelos respondentes, a orientação, bem como a relação entre docentes e discentes, foi a atividade com a qual os docentes demonstraram maior preocupação. As respostas seguintes ilustram essa afirmativa.

> **Dessa lógica, faz parte a competitividade**. Mais alunos de graduação e pós-graduação para orientar**. Há então, o acúmulo de tarefas**; é necessário ter um grupo de pesquisa, fazer reuniões, estimular os alunos a escrever e pesquisar. Enfim, **impacta de forma abusiva a relação entre professores, entre alunos-professores.** É uma lástima. (D. 15)

Aqui destacamos mais uma vez o ambiente de competitividade gerado pelo produtivismo acadêmico. Nesse caso, os discentes da pós-graduação são formados em meio a esse contexto, onde a publicação é tida como o produto final da pesquisa científica (Alves, 2014; Camargo Junior, 2014; Pimenta, 2014; Rego, 2014). Hostins (2006) já alertava sobre o estímulo à competitividade afim de que a pesquisa no Brasil se aproximasse dos padrões internacionais, desse modo induzindo os programas à lógica do setor corporativo empresarial, corroborando também com a afirmação de Trein e Rodrigues (2011) acerca da forma *quase*-industrial de fazer pesquisa acadêmica. Os relatos em sequência confirmam esta reflexão:

> **A extrema exigência por publicações distorce e oprime o tempo do pesquisador que deveria ser dedicado ao ensino e formação de novos pesquisadores** (que deveria ser o principal objetivo dos PPGs). (D. 57)

> Sim, impacta, pois os espaços de debate tornam-se cada vez mais escassos e menos qualificados. **As novas gerações já são formadas sob este entendimento, levando a um círculo vicioso e pernicioso**. Neste cenário, a relação custo-benefício de meu trabalho é negativa e pouco prazerosa. (D. 13)

Para além do prejuízo à atividade de orientação, percebemos, também, que os futuros pesquisadores expostos desde sua formação à lógica produtivista podem ser igualmente influenciados a priorizar a pesquisa, sendo a qualidade desta também prejudicada, em detrimento da docência (Kuenzer, Moraes, 2005). Frente a esse contexto, é comum nos depararmos, por vezes, com condutas antiéticas, como o plágio (Alcadipani, 2011; Wood Junior, 2016).

Por fim, algumas das respostas em sequência abrem espaço para reforçar as discussões sobre a pressão por "produtividade" decorrente dos parâmetros quantitativos de avaliação do trabalho docente na Pós-graduação.

> Sim [impacta], pois muitas vezes **nos preocupamos com números de publicações, citações e um índice que atinja as expectativas dos pares.** Muitos colegas se distanciam da graduação e do compromisso com a formação desses estudantes por vislumbrarem sempre o status científico. (D. 66)

> Sim, impacta. Mesmo que não julgue os critérios adequados ou deseje ser um "campeão" das métricas, **sou forçado a admitir uma quantidade mínima** (mesmo se não há candidatos adequados) **de orientandos e a evitar a submissão de artigos a fóruns de muito alto nível** (que estão fora do Qualis e representam maior risco de rejeição**) para poder "garantir" uma quantidade mínima de artigos publicados em revistas de baixa qualidade** (embora bem colocadas no Qualis), **mas de aceitação mais simples.** (D. 46)

Em vista disso, é importante abordar conceitos como a ideia de conhecimento fetichizado de Trein e Rodrigues (2011), onde a *norma produtivismo* expressa uma ampla distorção da conduta acadêmico-científica, visando à acumulação de capital curricular, referindo-se ao incremento do *valor de mercado acadêmico* (Vilaça; Palma, 2013). Por conseguinte, o capital produzido pelo produtivismo cria, de acordo com Vilaça e Palma, outras formas de fetichização: a *egofetichização* (elevação do reconhecimento intersubjetivo pelos "pares", das possibilidades de empregabilidade e avanços na carreira); a *financiabilidade* (poder de captar recursos, editais, bolsas, etc.); e a *publicabilidade* (chances de um artigo ser aprovado), podendo ser esses três

produtos diretamente relacionados com as respostas evidenciadas.

5.1.1 Invasão do espaço e tempo

No tocante a invasão do espaço e tempo dos docentes, observamos que esse fato agrava ainda mais a intensificação do trabalho docente, chegando a extrapolar as horas estabelecidas (40 horas semanais para os docentes em regime de Dedicação Exclusiva). Seguem algumas das respostas que ilustram o exposto:

> **Regularmente estamos trabalhando ou desenvolvendo atividades fora do contrato de trabalho estabelecido**. Estamos sempre enfrentando prazos escassos para responder às demandas com alta carga de responsabilidade sobre os gestores (coordenadores e coordenadores adjuntos do programa). (D. 3)

> Com certeza [ocorre a invasão do espaço e tempo], agora, por exemplo, no momento em que respondo a essa pesquisa, já é noite, tenho um artigo meu (inacabado para tentar terminar), o artigo de uma orientanda aberto para avaliar, um projeto de qualificação para avaliar, três problemas de matrícula para resolver. **Provavelmente essas atividades devem avançar até a madrugada e, como hoje é sexta-feira, avançar fim de semana a fora**. Espero terminá-las até segunda porque já existem pelo menos 4 coisas novas agendadas a partir das 10 da manhã. (D. 43)

Partindo do pressuposto de que o trabalho docente é imaterial por excelência, conforme Borsoi (2012), tanto os relatos já expostos quanto os seguintes ilustram como o trabalho docente realizado dentro e fora do ambiente institucional extrapola totalmente os limites específicos da jornada de trabalho:

> **A dinâmica do trabalhado docente muitas vezes perpassa as horas estipuladas pela jornada de 40h**, mesmo para os professores com dedicação exclusiva. Esse trabalho excedente não tem como ser computado integralmente no relatório do docente, pois há um limite de horas. (D. 35)

> **O trabalho do professor-pesquisador sempre ultrapassou a jornada semanal.** Porém devido aos problemas relatados em questões anteriores, **cada vez mais este espaço vem sendo tomado não só por atribuições de pesquisa, ensino, mas também de gestão e atividades administrativas**, por outro lado os incentivos de salários, progressão na carreira e

> aposentadoria estão cada vez mais restritos contribuindo negativamente com a disposição do docente. (D. 61)

> Sempre. Sábados, domingos e feriados. **Como não "batemos o ponto", somos trabalhadores invisíveis do sistema**. (D. 14)

Pelo exposto, podemos afirmar que o trabalho docente tem suas fronteiras de início e término cada vez menos predefinidas e claras, o que se intensificou no contexto pandêmico da COVID-19 pela adoção do home office e o ensino remoto, fazendo com que, mais ainda, as casas dos docentes se tornassem extensão da universidade, sendo esse fato perceptível nas seguintes respostas:

> A invasão temporal se dá diante da disponibilidade que se presume tenhamos que ter diante da dimensão que é dada à nossa 'dedicação em tempo integral'. **A invasão espacial se dá agora diante da pandemia, com nossas casas como extensão da Universidade.** (D. 9)

> Sim [a invasão de espaço e tempo] **já acontecia antes da pandemia e piorou com a quarentena.** (D. 21)

> Por vezes 7 dias da semana. Em turnos de 8 a 2 horas. **Com a pandemia, a situação ficou complicada a ponto de dar aulas da pós, graduação e orientar no sábado ou domingo, emitir parecer de madrugada para dar conta do envolvimento com a burocracia**. A pesquisa deveria considerar a participação em comitês ou comissões administrativas que tomam ainda mais o tempo de docência. (D. 44)

O volume de atividades somado ao pouco tempo despendido para execução das mesmas resulta, por vezes, em uma sensação desagradável e/ou sentimento de culpa por parte dos docentes, seja essa culpa por não dar conta das atribuições, por não poder se dedicar a realização de uma pesquisa, e/ou por não poder se dedicar a si, a amigos e, sobretudo, à família, como percebemos nos fragmentos em destaque:

> Para ser minimamente produtivo, no racional do sistema de avaliação CAPES, precisamos negligenciar nossa vida social**. O pior é o sentimento de que está perdendo tempo ou que irá aproveitar o final de semana ou o feriado para colocar a casa em ordem**. (D. 67)

> Sim, além de que **fico sempre com a sensação desagradável de estar devendo alguma coisa, mesmo trabalhando feriado, final de**

> **semana e férias**. (D. 20)

> **Simplesmente não se pode fazer aquilo esperado de um docente em 8 horas diárias.** *Sempre* tenho que trabalhar às noites, e pelo menos num dia no fim de semana. Minimamente numa tarde de um dia de fim de semana. **Frequentemente, a gente espera até as férias para poder trabalhar em textos de artigos**. É a parte da docência que realmente odeio, sempre me deixa sentindo culpada: culpada por não estar mais com meus filhos, mas com sentimento de culpa quando uso meu tempo de lazer para fazer algo que não tem a ver com trabalho. É uma distorção total. (D. 38)

Não obstante, o cansaço físico também se mostra uma queixa recorrente nas respostas obtidas:

> Sim [ocorre a invasão do espaço e tempo], isto ocorre com frequência: **minha semana chega a ser de 60 horas**, e dedico sábados e domingos às leituras de projetos de pesquisa, de qualificação, dissertações, teses, artigos em parceria, de orientandos...Faço isto de madrugada para não interferir na vida familiar, mas a qualidade do meu sono e minha reflexões já não são as mesmas de alguns anos: **me sinto cansada, exausta! (**D. 56)

Para além do cansaço físico, destaca-se também o impacto da intensificação das atividades e da invasão do espaço-tempo dos docentes na qualidade de suas atividades, de suas vidas, bem como em seus relacionamentos e na saúde mental.

> [...] **O dilema comparece, e gera sobrecarga profissional**, pois não desejo que o impacto na qualidade das minhas atividades aconteça. Isso demanda um esforço muito maior e, claro, maior investimento de tempo, com vistas a conseguir equalizar as atividades. **O prejuízo acaba sendo na saúde, na alimentação, nas relações familiares e sociais**. (D. 42)

> **Prejudica a dedicação mais concentrada à pesquisa e reflexão do que estudamos e gera muita ansiedade e stress no ritmo das atividades tríplice que somos obrigados a desenvolver**: aulas, extensão e pesquisas - sem esquecer as atividades administrativas e/ou burocráticas que se incluem na demanda de nossa carga horária. (D. 30)

> Há muitos "dias de descanso" que aparentam ser os mesmos da rotina do dia-a-dia, principalmente antes do contexto que estamos passando. **Há uma imersão de atividades de extensão, pesquisa, aulas, orientações e administrativo, que perdemos o controle**. Em muitas universidades, como a

> minha, a carga de horas administrativas não é “contada” e quando um docente fica com esses cargos, eles acabam se somando a todas as outras atividades que o docente já faz. **Há um esgotamento mental que prejudica ainda mais as orientações e a produção**. (D. 27)

Aludindo às mudanças sucitadas pelo contexto pandêmico, porém cientes de que muito antes dos eventos atuais, as tecnologias já impactavam no processo de ensino-aprendizagem e disseminação do conhecimento, conforme já assinalavam Ferigato, Silva e Gozzi (2017). No entanto, agora, desde a instalação da pandemia de COVID-19, a adoção do *home office* e do ensino remoto, foi substancial no uso das TIC e plataformas com papel fundamental na adaptação e nos desdobramentos das atividades dos docentes.

> Pelo que me lembro de minha trajetória acadêmica isto sempre funcionou desta maneira. **Porém, agora ficou ainda mais presente (literalmente) pois o trabalho está dentro de casa. Sabemos que basta ligar o computador. Antes ficávamos limitados a ter o material** (geralmente impresso) para trabalhar. **Agora ele está disponível 7/24**. Também o acúmulo de atividades, em parte também ocasionada pela falta de reposição do quadro docente e de funcionários, **além de termos que aprender a lidar com as tecnologias de ensino remoto tem havido a invasão do tempo-espaço** que seria dedicado ao lazer e convívio social. (D. 31)

Considerando os desafios em meio a pandemia, Ferigato, Teixeira e Fragelli (2020), analisaram também os movimentos de resistência e criação emergentes no ambiente universitário em tempos de COVID-19. Nesse sentido, a respostas em destaque na sequência evidencia a sobrecarga de trabalho e chama a atenção da comunidade acadêmico científica a se posicionar quanto a essa questão e que o debate se faça de modo alargado junto à sociedade:

> **A situação que os docentes vivenciam atualmente é essa, ou seja, sobrecarga de trabalho, cansaço mental, falta de lazer e convívio social para dar conta de todas as atribuições e atividades que devem cumprir**. Isso é reflexo de um sistema capitalista que impõe uma jornada de trabalho desumana ao docente/pesquisador. No entanto, **a própria comunidade acadêmico-científico deveria se posicionar de modo mais contundente sobre essa questão impondo limites e debatendo amplamente a situação junto à sociedade**. (D. 45)

Acreditamos que há indícios, ainda tímidos, de uma tomada de consciência por parte dos docentes quanto a necessidade de ações de

resistência contra o produtivismo acadêmico, sobretudo, pautado nas exigências sucitadas pelo momento em que enfrentamos a pandemia de COVID-19, suas variantes (Delta, Ômicron, etc). Algo que vai ao encontro das reflexões de Newton Duarte e Elaine Cristina Duarte (2020), que alertam para a necessidade da tomada de consciência do ensino superior público brasileiro quanto à tentativa de adaptação às exigências da lógica produtivista, ainda mais agora, onde a adoção das ferramentas tecnológicas no atual contexto aponta para um projeto de longo prazo que resultará em uma acentuação do caráter pragmático e superficial da relação pedagógica entre professores, alunos e os conhecimentos.

5.2 Acometimento pela COVID-19 e Impacto da pandemia nas Atividades Exercidas

É de conhecimento que o ano de 2020 marcou a instalação da pandemia da COVID-19 desencadeando medidas como período de quarentena, distanciamento social ou físico, *Home Offíce*, uso de máscara e álcool em gel que reverberaram sobremaneira na vida pessoal e profissional. E continuou reverberando nos anos seguintes (2021 e 2022). Especificamente, no Brasil, ainda houve um surto da Influenza em vários estados do país.

Com base nessa realidade, consideramos pertinente averiguar se o grupo investigado foi ou não acometido pela COVID-19 e como a pandemia impactou nas suas atividades para além da pesquisa. Assim, constatamos, pelos dados obtidos, que os 68 respondentes não contraíram o vírus ou não desenvolveram os sintomas da doença. Entretanto, entre as respostas há relatos de preocupação com parentes, amigos e colegas de trabalho que foram acometidos pela doença, e até mesmo relatos sobre a perda de alguém muito próximo devido a COVID-19:

> **Não fui acometido, mas membros da família foram, e de alguma forma você acaba afetado emocionalmente. Além disto, amigos queridos também, com algumas perdas que afetam ainda mais o emocional**. Assim o desempenho é atingido, a inspiração e criatividade ficam comprometidas na hora de se dedicar a escrever ou mesmo avaliar ou analisar um texto. O distanciamento e a mediação por computador também ficam comprometidos devido a comoção social advinda pela Pandemia. **Coisas que faria com simplicidade como**

> **conversar por videoconferência, em certos momentos tonam-se cansativos ou insuportáveis**. Eu lia e-mails, tive que me adequar a ler teses em pdf. **No momento, não suporto ler e-mails, nem as teses nem e-book, nem artigos eletrônicos. Peguei antipatia de tela de computador**. (D. 44)

> **Perdi meu pai, em decorrência da COVID-19**. Passei por um longo período de acompanhamento hospitalar com ele, **mas tendo que fazer reuniões, dar aulas, corrigir teses e dissertações, produzir relatórios e pareceres com prazos, tudo de dentro do hospital**. Não houve possibilidade de me afastar destas exigências, para poder estar com meu pai, de corpo e alma, nesta fase final de sua vida. **Foi indescritivelmente triste e angustiante esta condição**. (D. 57)

Como podemos observar, com base nesses relatos, o tempo gasto em contato com as tecnologias e o tempo de tela tornam o trabalho docente, passível de ser realizado em qualquer lugar, ainda mais cansativo. Para além disso, lidar com os impactos no emocional provenientes da preocupação e da perda de entes queridos. Os docentes, mesmo não acometidos diretamente pela doença, tiveram a saúde física abalada por conta da pandemia. Os relatos em destaque dão conta do exposto:

> **Felizmente não fui acometida pela doença, nem meus familiares mais próximos que vivem comigo. No entanto, o impacto na saúde mental e física foi sentido**. Trabalhamos muito mais, dezenas de reuniões semanais, compromissos escolares dos filhos como o *home schooling*. **Tive problemas nas costas e uma inflamação no túnel do carpo. Minha rotina pessoal e de trabalho foi alterada completamente**. (D. 54)

> **Não fui acometida pela doença. Sobrecarga de trabalho, sem finais de semana praticamente, aumento quase triplicado de atividades o tempo todo**. Um período de muita exaustão e muito adoecimento. Os professores só não estão piores porque tem muitas responsabilidades, mas **vários sucumbiram à estafa e fadiga**. (D. 55)

A intensificação do trabalho docente desde a instalação da pandemia é fato, embora as inúmeras atividades já são inerentes à atuação do professor. No entanto, destacamos a adaptação ao *home office* de modo mais contundente e marcado pelo uso massivo de plataformas na rotina de trabalho, como podemos perceber nos relatos a seguir:

> [...] Quanto ao impacto da pandemia na minha atividade docente,

> primeiramente **vale destacar o impacto de ter que adaptar o ambiente da casa para o *home office* [...] assim como toda a infraestrutura tecnológica que teve que ser melhorada**. Para além disso, o **impacto de ter que aprender e compreender a dinâmica de dar aulas remotas** (na graduação e na pós-graduação) **e desenvolver todas as demais atividades de orientação, pesquisa, bancas, etc. também remotamente**. (D. 40)

> [...] Sempre dei aulas à noite, então, meu horário de trabalho na universidade costumava ser tarde/noite. **Com o home office, questões administrativas não puderam mais ser resolvidas à noite, então tive que adaptar meu horário para manhã/tarde e, em dias de aula, noite também**. (D. 5)

> [...] **O volume de trabalho ampliou quanto às dificuldades de consolidação e manutenção da qualidade dos serviços realizados**. Incorporamos um conjunto de fazeres tecnologicamente novo, exigindo esforços motivacionais, de comunicação e de monitoramento regular das equipes e do próprio corpo docente. (D. 3)

> Não fui acometido pela doença, entretanto o desgaste mental, emocional e profissional aconteceu. **Creio que os limites** (se é que um dia foi possível dar) **entre horários dedicados às atividades domésticas, familiares e profissionais se confundem muito mais**. (D. 42)

A intensificação do trabalho docente é uma preocupação recorrente por parte de estudiosos que investigam suas causas. Quanto a essa questão, destacamos mais alguns relatos do grupo investigado, que cotejam os resultados obtidos em pesquisa realizada por Bernardo, Maia e Bridi (2020) quanto às configurações do trabalho remoto da categoria docente no contexto da pandemia COVID-19:

> Até o presente momento, não fui acometido pela doença. Assim como na vida de muitos outros sujeitos, **a pandemia tem requerido novos hábitos, rotinas e modificações na esfera do trabalho**, por exemplo, **nas novas configurações de aulas e atividades remotas**. (D. 34)

> [...] **Na docência foi necessário aprender novos métodos para ministrar aulas e acompanhar as tarefas dos alunos**. A maior invasão do espaço doméstico/trabalho, acaba por causar **irritação e cansaço**. (D. 29)

> **A quarentena e o trabalho remoto modificaram**

> **substancialmente a relação dos docentes com o ambiente universitário** [...] a organização do tempo se tornou uma coisa muito complexa. Se antes um período do dia abarcaria uma reunião presencial, por exemplo, das 14h00 às 16h30 e depois poderíamos retornar para as atividades regulares, agora, após as 16h30 haverá outra reunião, muitas vezes com um intervalo de cinco minutos entre elas, que se estenderá até 18h00 ou mais. **Muitas reuniões têm se estendido além do horário de trabalho**. (D. 22)

> Não tive a doença e fiquei totalmente recluso... **A atividade docente é remota e duplicou os trabalhos e com pouco tempo para realizar**. Quanto a saúde mental **muita insônia e cansaço**. (D. 64)

Retomando Bernardo, Maia e Bridi (2020), estes afirmam, com base em resultados de sua pesquisa, que a forma de realizar o trabalho docente passou por significativas mudanças, demandando aos docentes, além dos saberes necessários à prática docente, os conhecimentos telemáticos (*softwares*, computadores, plataformas digitais, etc.), contudo, não que os docentes não tivessem conhecimento algum desses aparatos e meios, mas tiveram que utilizar mais frequentemente, outros tiveram que aprender mesmo. Para além disto, os docentes por eles investigados, assim como os dos relatos que trouxemos, foram submetidos ao processo de intensificação do trabalho, flexibilização das atividades e alterações na organização do trabalho, como podemos perceber:

> Tudo ficou bem pior. **O trabalho fragmentou-se em milhares de pedaços** [...] antes, a gente reservava partes de dias, pontualmente, para ir para a casa para terminar um artigo, relatório, aula, porque não dava para fazer no lugar de trabalho por causa das interrupções. Então, eram momentos especiais. Agora, foi longe demais...**é totalmente isolador.** (D. 38)

> Felizmente eu não fui acometido por essa doença tão perigosa. Porém, **a situação do trabalho remoto necessário e indispensável nesta situação de pandemia é muito desgastante, cansativa e deixa a sensação profunda de esgotamento mental**. (D. 30)

A adoção do ensino remoto em caráter emergencial não significa uma redução do trabalho, pelo contrário, como já problematizado o ensino remoto “[...] ao mesmo tempo em que libera os sujeitos do cumprimento de horários, os mantém em um comprometimento permanente.” (Saraiva, 2009, p. 4).

Para além disso, a instalação da pandemia reverberou sobremaneira na vida pessoal e nos relacionamentos amorosos e familiares de modo negativo, conforme podemos observar nos relatos em sequência:

> [...] **a pandemia teve significativo impacto na minha vida pessoal: influenciou o fim do meu relacionamento**, fez sucumbir duas tias queridas e **produziu um profundo impacto psicológico** que colocando dentro de uma melancolia de proporções nunca antes experimentadas. (D. 43)

> **Não fui acometido pela doença, mas minha saúde mental sim. Saí de casa depois de um casamento de 20 anos**. Não tinha espaço de trabalho e aluguei um apartamento para poder trabalhar. **Meus filhos reclamavam que eu falava muito alto e que não tinha horário para parar**. (D. 32)

Obtivemos, também, relatos sobre o agravamento de sofrimentos psíquicos, como ansiedade e estresse. Os relatos a seguir validam essa realidade:

> Não fui acometida da doença, mas de todos os aspectos e impactos sociais dela. **Distanciamento da família; solidão; depressão; estresse; uso abusivo de medicamentos controlados, em especial para dormir, quase provocando problemas sérios, como uma internação ou tentativa de suicídio; nenhuma vida social; excesso de trabalho e poucas horas de descanso**. (D. 21)

> **As consequências para as atividades docente foram dolorosas**, pois trabalhamos próximos dos alunos, nos tornamos uma família e de um momento para outro tivemos de mudar as estratégias de ensino, de orientação, e de interação com nossos pares, foi muito desgastante. **A saúde mental foi fortalecida pelo apoio da família e ajuda de ansiolítico**. (D. 47)

> O excesso de reuniões virtuais e, sobretudo, da sobrecarga de trabalho neste período **afetaram a minha saúde mental, com o desenvolvimento de um quadro depressivo**. (D. 66)

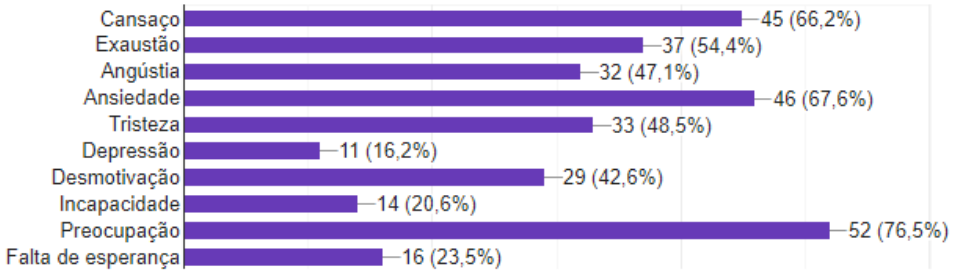
Como abordamos no Referencial Teórico desta pesquisa, que se confirma pelos relatos supracitados, constatamos que houve gradativo aumento de casos de ansiedade e estresse no contexto pandêmico, até mesmo questões mais extremas como possível suicídio, os quais tiveram que ser tratados mediante o uso de medicamentos do tipo ansiolítico, estabilizadores de humor,

medicamentos para o sono, entre outros.

5.2.1 Sentimentos frente ao trabalho durante o período pandêmico

De acordo com pesquisas realizadas no ano de 2020, ano em que a pandemia já havia se instaurado ao redor do mundo, houve, no Brasil, um aumento de até 80% no uso de antidepressivos, ansiolíticos, hipnóticos e estabilizadores de humor. Frente a esse cenário e todo o exposto até aqui, identificamos quais sentimentos os docentes destacam diante de uma rotina de trabalho alterada de forma inesperada, no período pandêmico, ao que percebemos que os sentimentos mais incidentes, dentre os 10 citados, foram: preocupação (76,5%), ansiedade (67,6%) e cansaço (66,2%). No Gráfico 1 apresentamos os sentimentos identificados a partir das respostas dos docentes:

Gráfico 1 – Sentimentos relacionados à rotina de trabalho no período da pandemia de COVID-19



Fonte: Dados provenientes da pesquisa (2021)

Especificamente quanto à ansiedade, é fato que está relacionado à saúde mental. Um resultado que coaduna com o aumento e agravamento dos quadros de ansiedade no Brasil durante a pandemia. O país, comparado a outros países, lidera, com 9,3%, a prevalência mundial do Transtorno de Ansiedade (TA), que gira em torno de 3,6%, atingindo, no continente americano, 5,6% da população. Em resumo, comparado a outros países, percebe-se que há no Brasil um maior número de casos de TA (OMS, 2017).

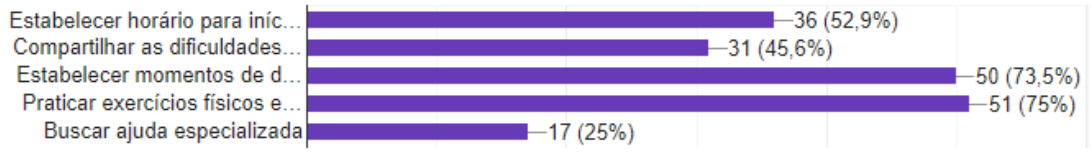
Os sofrimentos psíquicos como ansiedade, estresse e depressão podem ser também relacionados com os resultados obtidos no estudo intitulado *Psychological effects of the COVID-19 outbreak and lockdown among students and workers of a Spanish university.* Na ocasião, Gonzales *et al.* (2020),

divulgam que os entrevistados locais apresentaram impacto moderado a grave do surto, apresentando sintomas de estresse, ansiedade e depressão, além dos altos níveis de preocupação. Em específico, o sentimento de preocupação identificado na pesquisa referida pode servir como comparativo para o resultado exposto no Gráfico 1, onde o mesmo sentimento, representando 76,5% das respostas assinaladas, pode estar associado ao avanço exponencial de vidas perdidas pela doença desde a eclosão da pandemia em 2020 e sua manutenção até o momento, uma vez que é possível identificar em meio aos relatos, trechos onde os docentes expõem suas preocupações com o possível acometimento de si mesmos e de entes queridos pela doença.

5.3 Estratégias Consideradas pelos Docentes Investigados para Manter a Saúde Mental

Por fim, a última questão do questionário complementa a análise do exposto até aqui, ao buscarmos lançar luz às estratégias consideradas pelos docentes investigados para manter a saúde mental em tempos de isolamento social e *home office,* em tempos de pandemia da COVID-19. Condensamos no Gráfico 2 as estratégias identificadas:

Gráfico 2 – Estratégias para manter a saúde mental quanto à rotina de trabalho remoto



Fonte: Dados provenientes da pesquisa (2021)

Os resultados expostos no Gráfico 2 nos levam a concluir que as estratégias mais assinaladas pelos respondentes foram a adoção de práticas de exercícios físicos e mentais (meditação, yoga, etc.) com 75% seguida do estabelecimento de momentos de descanso em meio a rotina de trabalho com 73,5% das respostas. Também se constituem estratégias: estabelecer horário para início e fim das atividades com 52,9% das respostas; compartilhar as dificuldades com os colegas com 45,6% e a busca de ajuda especializada que apareceu em 25% das respostas.

Já é de conhecimento que o estresse pode desencadear quadros de ansiedade e a já conhecida Síndrome de *Burnout*, todavia, a falta de repouso, o esgotamento físico e mental e demais adversidades também são elementos propícios para o adoecimento físico e acometimento por sofrimentos mentais relacionados ao trabalho. Em consideração a essa problemática, como advertem Canova e Porto (2010), a prevenção do estresse e a busca pelo bem-estar individual são sempre as principais estratégias, além das habilidades psicológicas que são positivas para o estresse ocupacional e para a vida diária. Considerando medidas mais atuais que contemplam o contexto pandêmico, Talon, Tassi e Donato (2020) afirmam que a prática do *Mindfulness*[9], que tem o intuito de oferecer uma melhor qualidade de vida e obtenção de resultados de produtividade, tem sido bem adotada no ambiente de trabalho. Porém, segundo Ribeiro e Arantes (2020), a adoção dessa prática também se configura como um dos tantos deveres do professor, incutindo a responsabilidade do manejo do estresse ao próprio indivíduo. No caso da nossa pesquisa, apesar do termo *Mindfulness* não chegar a ser citado pelos docentes investigados, houve menção à adoção de atividades relacionadas a essa prática, tais como atividades culinárias, leitura, atividades relacionadas a arte e a música, e a gratidão pela vida.

Sobre estar vivo para poder contar a história da pandemia de COVID-19, sua evolução, variantes, inumeráveis mortes, caos na situação política, econômica e social é mesmo uma dádiva, visto que só o nosso país, o Brasil, ultrapassou a marca dos mais de 700 mil mortos[10] pela doença.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constituímos como objetivo desta pesquisa analisar o impacto do produtivismo acadêmico na atividade de docentes vinculados aos Programas de

[9] Pode ser traduzida como “atenção plena”.

[10] Número exato dos óbitos acumulados por COVID-19 é 714.319, conforme dados do Painel Coronavírus, ver: Brasil (2024). As regiões Sul e Sudeste que ambientaram o recorte geográfico da pesquisa em relato contabilizam os seguintes números de óbitos, respectivamente: 113.358 e 344.634

Pós-Graduação em Ciência da Informação em funcionamento nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, sob a tônica da intensificação do trabalho docente a partir da pandemia de COVID-19.

Conhecedores de que o grupo investigado – docentes do núcleo permanente dos PPG - exerce inúmeras atividades para além da pesquisa científica, como ensino na graduação e na pós-graduação, orientação, editoração de periódicos científicos, liderança de grupo de pesquisa, gestão no âmbito de colegiado departamento e de curso e, por vezes, exercício de cargo administrativo, evidenciamos que essas e outras atividades podem ser prejudicadas pela pressão por "produtividade", confirmando que a intensificação das atividades requeridas aos docentes extrapolam totalmente a jornada de trabalho oficialmente de 40 horas. Há a invasão do tempo livre e dos finais de semana.

Pontos determinantes para o quadro de intensificação do trabalho docente é atribuído à instalação da pandemia de COVID-19 e tudo o que este momento histórico e inesperado exigiu como a adoção do *Home Office* e do ensino remoto. Se antes a grande quantidade de atividades em conjunto com a demanda por produzir já era um dos fatores que impossibilitavam os docentes de executar em tempo hábil as atividades conferidas aos mesmos, incluindo a pesquisa científica, agora com as fronteiras entre o início e término do trabalho docente cada vez menos delimitadas pela constância diante dos dispositivos móveis ligados à *Internet*, a lógica produtivista se mostrou ainda mais operante. Nessa afirmação, consideramos, também, as demandas de presença em eventos online, *lives*, bancas, etc. e a necessidade de adaptação ao ensino remoto, bem como a adaptação ou mesmo aprendizado das tecnologias ou plataformas necessárias para tal e a invasão do espaço e tempo.

Similar às considerações dos docentes dos PPG em CI das regiões Norte, Nordeste e Centro-oeste por nós investigados em pesquisa anterior, os docentes desses programas das regiões Sul e Sudeste reconhecem a importância do sistema de avaliação da CAPES, mas o consideram como um dos principais motivos para manutenção do produtivismo acadêmico. Paralelo à essa discussão, o impacto da lógica produtivista, no modo de viver dos docentes,

confirma que o produtivismo pode afetar não só o trabalho, mas também acarretar sérios problemas de saúde como ansiedade, estresse e a síndrome de *burnout*. Nessa perspectiva, foi substancial considerar o contexto pandêmico, onde houve um exponencial aumento e agravamento dos casos de ansiedade e estresse em nível nacional que acometeu os docentes aqui investigados.

Sob a esteira da problemática abordada, compreendemos que os resultados aqui encontrados não diferem dos já atestados nos estudos que serviram de fundamentação para a presente pesquisa e dos resultados apresentados na precedente pesquisa de nossa autoria. Confirma-se, aqui, mais uma vez, então, que a lógica produtivista é inerente à pós-graduação e suas consequências afetam o trabalho, a pesquisa, a saúde e o modo de viver dos docentes. E, no âmbito dessa pesquisa lançamos olhar sobre o produtivismo acadêmico não apenas pelo fenômeno em si, mas sob a ênfase da erupção da pandemia de COVID-19, em 2020, que, em nossa visão, mudou para sempre o desenvolvimento e as relações de trabalho.

Em tempo, com base na literatura científica, bem como nas pesquisas que vimos empreendendo no âmbito da Ciência da Informação, bem como em algumas respostas dos docentes que expressaram a preocupação com o processo de formação dos futuros pesquisadores - igualmente submetidos ao produtivismo acadêmico -, que enxergamos a possibilidade de investigar o impacto desse fenômeno, centrando-se nos discentes da Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, o que já realizamos e comunicamos em periódico científico e evento da área.

Em decorrência de todo o exposto nesta pesquisa, enfatizamos, mais uma vez, que, além de necessárias, as pesquisas sobre o produtivismo acadêmico se apresentam como forma de resistência ao propor reflexões acerca da intensificação do trabalho docente, da precarização do trabalho, dentre tantos outros problemas ocasionados pelo fenômeno do produtivismo acadêmico decorrente de um modelo centrado na quantidade acentuado pela pandemia de COVID-19, visto que o trabalho que já invade o espaço-tempo dos docentes foi agravado em decorrência das então medidas de contenção do contágio da doença. Diante do contexto da maior crise sanitária, onde o mundo que não pode

parar foi “paralisado” por uma pandemia, a decisão era de que o Brasil e a educação “não podiam parar”. Defronte a esse cenário, encontramo-nos com relatos expondo os sentimentos de ansiedade, medo, preocupação e saudade do “cheiro de gente” que emergiram perante as incertezas daquele momento e que devem nos lembrar, constantemente, da fragilidade humana.

Por último, como conter o fenômeno do produtivismo acadêmico e os seus impactos, por vezes já normalizado por aqueles que são diretamente atravessados por ele – os docentes - visto às exigências das instituições responsáveis pela política de avaliação dos PPG e de fomento à pesquisa? Acreditamos que a minimização do fenômeno produtivismo acadêmico pode perpassar pela revisão das políticas institucionais de avaliação e fomento que circundam a pós-graduação no Brasil, a descentralização da lógica quantitativa e de impacto, a efetiva valorização e reconhecimento de outras inúmeras atividades que circundam o trabalho docente no contexto dos PPG, a exemplo do trabalho de gestão com acúmulo de aulas na graduação, carga horária justa que não sobrecarregue os docentes e que não interfira no espaço-tempo que poderia ser dedicado à família e ao lazer, a promoção de uma cultura acadêmica que apoie o bem-estar dos docentes.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R. Academia e a fábrica de sardinhas. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 18, n. 57, p. 345-348, 2011a.

ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1174-1178, 2011b.

ALVES, R. Publish or Perish. **Portuguese Journal of Nephrology & Hypertension**, Lisboa, v. 28, p. 277-279, 2014.

ANDRADE, J. S.; CASSUNDÉ, F. R. S. A.; BARBOSA, M. A. C. Da liberdade à "gaiola de cristal": sobre o produtivismo acadêmico na pós-graduação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 169-197, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/43356/22445. Acesso em: 25 abr. 2019.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARSOTTI, P. D. Produtivismo acadêmico: essa cegueira terá fim?. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 115, p. 587-590, 2011.

BEHAR, P. A. Artigo: o ensino remoto emergencial e a educação a distância. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, 6 jul. 2020. Disponível em https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia. Acesso em: 20 jun. 2021.

BERNARDO, K. A. S.; MAIA, F. L.; BRIDI, M. A.. As configurações do trabalho remoto da categoria docente no contexto da pandemia covid-19. **Novos Rumos Sociológicos**, Pelotas, v. 8, n. 14, p. 8-39, 2020.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. Trabalho docente no stricto sensu: publicar ou morrer?. *In*: FIDALGO, F.; OLIVEIRA, M. A. M.; FIDALGO, N. L. R. (org.). **A intensificação do trabalho docente**: tecnologias e produtividade. Campinas: Papirus, 2009. p. 49-90.

BIANCHETTI, L.; VALLE, I. R. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 82, p. 89-110, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/McWkP54pFcYWp9t9Y48YftJ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 jun. 2021.

BORSOI, I. C. F. Da relação entre trabalho e saúde à relação entre trabalho e saúde mental. **Revista Psicologia e Sociedade**, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 1, p. 103-111, 2007.

BORSOI, I. C. F. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81-100, 2012.

BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **COVID19 Painel Coronavírus**. [*S. l.*]: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acesso em: 13 dez. 2024.

BRASIL. Portaria n. 343 de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 53, p. 39, 18 mar. 2020a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm. Acesso em: 15 jul. 2021.

BRASIL. Portaria n. 345, de 19 de março de 2020. Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020. **Diário Oficial da União**: seção 1 [extra], Brasília, DF, n. 54-D, p. 1, 9 mar. 2020b. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-345-de-19-de-marco-de-2020-248881422?inheritRedirect=true&redirect=%2Fweb%2Fguest%2Fsearch%3FqSearch%3DPortaria%2520345%2520de%252019%2520de%2520mar%25C3%25A7o%2520de%25202020. Acesso em: 15 jul. 2021.

CAMARGO JUNIOR, K. R. Publicar ou perecer, ou perecer por publicar (em excesso)?. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 337-339, 2014.

CANOVA, K. R.; PORTO, J. B. O impacto dos valores organizacionais no estresse ocupacional: um estudo com professores de ensino médio. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 4-31, 2010.

CASTIEL, L. D.; SANZ-VALERO, J. Entre fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica?. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 12, p. 3041-3050, 2007.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **Social distancing, quarantine, and isolation**: keep your distance to slow the spread. Atlanta: CDC, 2020. Disponível em: http://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/prevent-getting-sick/ social-distancing.html. Acesso em: 13 jul. 2021.

COSTA, L. F. O impacto do produtivismo acadêmico nas atividades dos docentes dos programas de pós-graduação em ciência da informação das regiões norte, nordeste e centro-oeste do Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. p. 1-15.

COSTA, L. F.; BARBOSA FILHO, E. T. O produtivismo acadêmico na pós-graduação stricto sensu em Ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 8, n. 1, p. 165-190, 2021.

COUTINHO, C.; LISBÔA, E. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. **Revista de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 5-22, 2011.

CRUZ, A. P. C.; MACHADO, E. A.; MARTINS, G. A.; ROCHA, W. Da pesquisa em construção à publicação definitiva conversão da produção científica no campo da contabilidade (2001-2010). *In*: CONGRESSO USP DE

CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 11.; CONGRESSO USP DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM CONTABILIDADE, 8., 2011, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: USP, 2011. p. 1-17.

CURTY, R. G. (org.). **Produção intelectual no ambiente acadêmico**. Londrina: UEL, 2010.

EUROPEAN CENTRE FOR DISEASE PREVENTION AND CONTROL (ECDC). **Considerations relating to social distancing measures in response to COVID-19 – second update**. Stockholm: ECDC, 2020. Disponível em: https://www.ecdc.europa.eu/sites/default/files/documents/covid-19-social-distancingmeasuresg-guide-second-update.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

FARO, A.; BAHIANO, M. A.; NAKANO, T. C.; REIS, C.; SILVA, B. F. P.; VITTI, L. S. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos e Psicologia**, Campinas, v. 37, p. e200074, 2020.

FERIGATO, S. H.; SILVA, C. R.; GOZZI, A. F. O advento da cibercultura e das cibercidades: a produção de novas estéticas e a reconfiguração dos processos de inclusão e exclusão social. *In*: BERTELLI, G. B.; FELTRAN, G. S. (ed.). **Vozes à margem**: periferias, estética e política. Monjolinho: EdUFSCar, 2017. p. 215-231.

FERIGATO, S. H.; TEIXEIRA, R. R.; FRAGELLI, M. C. B. A universidade e a atividade docente: desafios em uma experiência pandêmica. **Revista Docência do Ensino Superior**, Pampulha, v. 10, p. 1-17, 2020.

GODOI, C. K.; XAVIER, W. G. O produtivismo e suas anomalias. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 456-465, 2012.

HOSTINS, R. C. L. Os Planos Nacionais de Pós-graduação (PNPG) e suas repercussões na pós-graduação brasileira. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 133-160, 2006.

KUENZER, A. Z.; MORAES, M. C. M. Temas e tramas na pós-graduação em educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1341-1363, 2005.

KUHLMANN JUNIOR, M. Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 158, v. 9, p. 838-855, 2015.

LEITE, J. L. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 207-215, 2017.

LÉVY, P. **O que é o virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MACHADO, A. M. N. Políticas que impedem o que exigem: dimensões controvertidas na avaliação da pós-graduação brasileira. **Universidade e Sociedade**, Brasília, v. 39, p. 137-149, 2007.

MARTINS, O. S.; LUCENA, W. Produtivismo acadêmico: as práticas dos docentes dos programas de pós-graduação em contabilidade. **Advances in Scientific and Applied Accounting**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 66-96, 2014.

MATTOS, P. L. C. L. Nós e os índices: a propósito da pressão institucional por publicação. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 144-149, 2008.

MEIS, L.; VELLOSO, A.; LANNES, D.; CARMO, M. S.; MEIS, C. The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout. **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, Ribeirão Preto, v. 36, n. 9, p. 1135-1141, 2003.

MOREIRA, A. F. A cultura da performatividade e a avaliação da pós-graduação em educação no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, p. 23-42, 2009.

MOURA, A. C.; CRUZ, A. G. Ensino superior e produtividade acadêmica em tempos de pandemia. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, São Gonçalo, v. 6, p. 222-244, 2020.

NARDI, A. E.; BERNIK, M. A. O aumento da ansiedade na população. *In*: CUMINALE, N. (org.). **Guia de Saúde Mental Pós-Pandemia no Brasil**. [*S. l.*]: Instituto de Ciências Integradas, 2020. p. 38-47. Disponível em: https://www.pfizer.com.br/sites/default/files/inline-files/Guia-de-Saude-Menta-%20 pos-pandemia-Pfizer-Upjohn.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Depression and other common mental disorders**: global health estimates. Geneva: WHO; 2017. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/254610/1/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A.; MAYER, L. (org.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

PATRUS, R.; DANTAS, D. C.; SHIGAKI, H. B. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares?. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro v. 13, n. 1, p. 1-18, 2015.

PIMENTA, A. G. **(Des)caminhos da pós-graduação brasileira**: o produtivismo acadêmico e seus efeitos nos professores pesquisadores. 2014. 324 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

REGO, T. C. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 325-346, 2014.

RIBEIRO, C. V. S.; LEDA, D. B.; SILVA, E. P. A expansão da educação superior pública e suas implicações no trabalho docente. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 51, p. 147-174, 2015.

ROSA, A. “Nós e os índices” – um outro olhar sobre a pressão institucional por publicação. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 108-114, 2008.

SANTIAGO, R.; CARVALHO, T. Academics in a new work environment: The impact of new public management on work conditions. **Higher Education Quarterly**, Oxford, v. 62, n. 3, p. 204-223, 2008.

SANTIAGO, R.; CARVALHO, T. Mudança no conhecimento e na profissão acadêmica em Portugal. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 143, p. 402-426, 2011.

SANTIAGO, R.; CARVALHO, T.; FERREIRA, A. Changing knowledge and the academic profession in Portugal. **Higher Education Quarterly**, Oxford, v. 69, n. 1, p. 79-100, 2015.

SANTOS, S. A. A naturalização do produtivismo acadêmico no trabalho docente. **Revista Espaço Acadêmico**, Serra, v. 10, n. 110, p. 147-154, 2010.

SARAIVA, K. Uma educação sem limites. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu. **Anais** […]. Caxambu: ANPED, 2009. p. 1-14.

SGUISSARDI, V. Produtivismo acadêmico. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. (org.). **Dicionário de trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: Gestrado UFMG, 2010.

SGUISSARDI, V.; SILVA JUNIOR, J. R. **Trabalho intensificado nas federais**: pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

SILVA, J. V. P.; GONÇALVES-SILVA, L. L.; MOREIRA, W. W. Produtivismo na pós-graduação. Nada é tão ruim, que não possa piorar. É chegada a vez dos orientandos!. **Movimento**, [*S. l.*], v. 20, n. 4, p. 1423-1445, 2014.

TALON, A.; TASSI, J.; DONATO, I. L. Mindfulness em Contexto de Trabalho. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, ano 20, n. 195, p. 1-15, 2020. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/artigo/mindfulness-em-contexto-de-trabalho. Acesso em: 13 jul. 2021.

TEIXEIRA, T. S. C. **Produtivismo acadêmico e saúde dos docentes na Pós-Graduação**. 2019. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

TREIN, E.; RODRIGUES, J. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 48, p. 769-792, 2011.

VELLOSO, J.; VELHO, L. M. L. S. **Mestrandos e doutorandos no país**: trajetórias de formação. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2001.

VILAÇA, M. M.; PALMA, A. Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 467-484, 2013.

VIZEU, F.; MACADAR, M. A.; GRAEML, A. R. Produtivismo acadêmico baseado em uma perspectiva habermasiana. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 984-1000, 2016.

VOSGERAU, D. S. A. R.; ORLANDO, E. A.; MEYER, P. Produtivismo acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 231-247, 2017.

YAMAMOTO, O. H.; TOURINHO, E. Z.; BASTOS, A. V. B.; MENANDRO, P. R. M. Produção científica e "produtivismo": há alguma luz no final do túnel?. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 9, n. 18, p. 727-750, 2012.

ACADEMIC PRODUCTIVISM AND ITS EFFECTS IN THE PROFESSIONAL LIFE AND FEELINGS OF POSTGRADUATION TEACHERS IN INFORMATION SCIENCE UNDER THE IMPACT OF THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT

Objective: analyze the academic productivism in the activity developed by faculty members of Graduate Programs in Information Science in the South and Southeast regions of Brazil, under the impact of the COVID-19 pandemic. **Methodology**: the research is an interpretative case study of bibliographic, documental and descriptive nature, under a qualitative approach with quantitative contribution. The data collection occurs through the application of a questionnaire. **Results**: the results obtained reveal, among other issues, that academic productivism interferes in the development of other activities inherent to teaching, not only research, production, and communication in scientific journals. The results also reveal that the COVID-19 pandemic emphasizes the overwork cases, due to home office, remote work, the amount of time spent online, and the invasion of personal space and time. **Conclusions**: academic productivism interferes in the physical and mental health of professors, and their condition is seriously aggravated by the COVID-19 pandemic.

Descriptors: Academic productivism. Intensification of teachers' work. Information Science. Brazil.

EL PRODUCTIVISMO ACADÉMICO EN EL HACER Y EL SENTIR DE LOS PROFESORES DE POSTGRADO EN CIENCIAS DE LA INFORMACIÓN BAJO EL IMPACTO DE LA PANDEMIA DEL COVID-19

RESUMEN
Objetivo: analizar el productivismo académico en la actividad desarrollada por los profesores de los Programas de Posgrado en Ciencias de la Información en las regiones Sur y Sudeste de Brasil, bajo el impacto de la pandemia de COVID-19. **Metodología**: la investigación es de carácter bibliográfico, documental y descriptivo, bajo un enfoque cualitativo con aportación cuantitativa. La recogida de datos se realiza mediante la aplicación de un cuestionario. **Resultados**: revelan, entre otras cuestiones, que el productivismo académico interfiere en el desarrollo de otras actividades propias del profesorado, no sólo la investigación, su producción y la comunicación en revistas científicas. También revelan que la pandemia de COVID-19 repercute en el exceso de trabajo, debido a la oficina en casa, el trabajo a distancia, el exceso de tiempo en línea, la invasión del espacio-tiempo. **Conclusiones**: Concluye que el produtivismo académico interfiere en la salud física y mental de los docentes, teniendo el estado de éstos seriamente agravado por la pandemia de COVID-19.

Descriptores: Productivismo académico. Intensificación de la labor docente. Ciencia de la información. Brasil.

Recebido em: 18.01.2024
Aceito em: 17.12.2024